

XIII SALÃO DE
ENSINO

UFRGS

PROGRAD RELINTER
PROPG CAF
SEAD SAI



Salão UFRGS 2017

múltipla
UNIVERSIDADE
inovadora inspiradora

| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS |
| Ano | 2017 |
| Local | Campus do Vale - UFRGS |
| Título | Banco Imobiliário da Desigualdade |
| Autor | CAMILA GOLDSTEIN FRIDMAN |
| Orientador | LUCIANO BEDIN DA COSTA |

RESUMO: no meio universitário em que estamos inseridos, o debate sobre privilégios e preconceitos está muito presente, fazendo com que possamos nos desconstruir e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Infelizmente, esse debate ainda não atingiu de forma satisfatória as escolas, apesar de sua indiscutível relevância para a formação de jovens questionadores. Na disciplina de Psicologia da Educação II, o professor propôs que realizássemos oficinas sobre temas que considerássemos importantes com alunos de uma escola municipal. Assim, a partir de visita à EMEF Neusa Goulart Brizola, percebeu-se que os alunos da turma C21, 8º ano, estavam reproduzindo muitos preconceitos e poderiam se beneficiar de uma atividade e um debate sobre as desigualdades que vivenciamos hoje em dia. Com isso, pensamos em propor uma oficina que abordasse o tema, com o objetivo de proporcionar reflexão sobre diferenças sociais, meritocracia, preconceitos e privilégios. Além de conscientizar os alunos que, apesar de serem de uma classe social não muito favorecida, ainda assim, eles devem estar cientes de que podem ter privilégios em relação a outras pessoas (por exemplo: um branco em relação a um negro; um homem em relação a uma mulher), para que, a partir disso, eles possam iniciar um processo de desconstrução de seus preconceitos e lutar por mais justiça e igualdade. Pensando nesses objetivos, procuramos uma forma lúdica e real de trabalhar o tema, para que os alunos, de fato, pudessem ser personagens da nossa sociedade e sentir as injustiças e variações de tratamento que diferentes tipos de pessoas recebem (mulheres, negros, LGBTs, pessoas com deficiência, etc.). Desse modo, elaboramos um jogo de Banco Imobiliário injusto, no qual personagens distintos (com base em suas características) tinham regras díspares, a partir de um vídeo da associação francesa *Observatoire des Inégalités* (Observatório das Desigualdades). A oficina foi realizada no dia 13/06/2017 e contou com a participação de 19 alunos. O tabuleiro do jogo foi montado em uma quadra de futebol, de maneira que todos os jovens pudessem participar e visualizar claramente a brincadeira, e as propriedades originais foram adaptadas para refletir a realidade dos bairros de Porto Alegre. Primeiramente, solicitamos que eles se dividissem em grupos de três pessoas e que cada grupo escolhesse um dos personagens (peões com fotos de pessoas estereotipadas: homem branco, homem negro, mulher branca, mulher negra, homem branco gay, mulher negra cega). Para iniciar o jogo, todos os participantes deveriam jogar o dado para decidir se começariam com R\$2000 ou R\$1000, porém, as chances de cada personagem era diferente: homens brancos começariam com R\$2000 se tirassem 4, 5 ou 6 no dado; mulheres brancas e homens negros começariam com R\$2000 se tirassem 5 ou 6 no dado; e mulheres negras começariam com R\$2000 apenas se tirassem 6 no dado. Assim, desde o começo do jogo, os alunos já estavam expostos à desigualdade, e ela só ficou mais aparente ao longo da atividade: pessoas ricas (que começaram com R\$2000) não ficavam nenhuma rodada sem jogar se caíssem na prisão, enquanto os pobres ficavam uma (brancos) ou duas (negros); a personagem cega não podia comprar propriedades como Estação de Trem e Biblioteca, pois são lugares sem acessibilidade; já o personagem gay era impedido de comprar em um dos lados do tabuleiro, pois os habitantes daqueles bairros eram homofóbicos, entre outras regras injustas. No início, os alunos estavam um pouco receosos e não entenderam qual era o objetivo do jogo, de modo que se sentiam injustiçados sem entender o porquê. Entretanto, logo eles foram percebendo que o jogo era, na realidade uma representação da nossa realidade. O jogo continuou por mais ou menos 1h30 e foi interrompido para que houvesse tempo de realizar um encerramento. A finalização da oficina consistiu em um debate no qual os alunos receberam frases ou charges que problematisassem a desigualdade e o preconceito no Brasil, por exemplo: “mulheres recebem salários até 62% menores do que os de homens que realizam a mesma função, dependendo do cargo que exercem.”; “a cada 25h, um LGBT é assassinado no Brasil.”, etc. Ainda nos grupos de três, os alunos receberam os papéis e os leram em voz alta para o grupo. Depois disso, todos eram convidados a opinar sobre o conteúdo. A atividade correu de maneira agradável e acreditamos que tenha tido um resultado positivo a partir das reflexões que os alunos fizeram ao longo da conversa final, que indicaram que eles percebem as diferenças e os preconceitos da nossa sociedade e estão dispostos a lutar contra eles, apesar de ainda não saberem exatamente de que maneira. A forma lúdica com que a oficina foi realizada contribuiu para a compreensão e diversão dos alunos, além de facilitar a sua identificação, embora indireta, com as situações trazidas pelo jogo. A professora responsável também pareceu bastante satisfeita com a repercussão da atividade.

Palavras-chave: educação; desigualdade; ludicidade